

A formação humana na adolescência numa perspectiva do não uso de drogas

Márcia Maria Rodrigues Tabosa Brandão*

Resumo

Este artigo apresenta uma experiência desenvolvida durante as atividades de Orientação Educacional em uma turma do 9º ano no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, composta de 30 adolescentes de ambos os sexos. O tema “Drogas na Adolescência” é abordado na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno e do processo de formação humana na escola, enfatizando a valorização do indivíduo e as relações estabelecidas nos grupos sociais de referência. Relaciona as metas formativas da Orientação Educacional aos pressupostos e objetivos norteadores da Política Nacional sobre Drogas, destacando as diretrizes que objetivam a prevenção. As atividades de dinâmica de grupo, desenvolvidas semanalmente, em seis encontros, avançaram para além da discussão sobre os tipos de drogas e os efeitos do seu uso, priorizando o desenvolvimento de competências e valores que favoreçam aos adolescentes uma tomada de consciência frente aos fatores de riscos e de proteção relacionados ao uso de drogas. A experiência favoreceu o aprofundamento da temática abordada, a valorização da orientação familiar, o questionamento das informações veiculadas nas diferentes mídias, o exercício do diálogo em sala de aula, o estabelecimento de novas relações e de autonomia em relação ao conhecimento no que se refere ao uso das drogas.

Palavras-chave: formação humana, prevenção ao uso de drogas, adolescência.

Humanizing Formation during adolescence from an anti-drug perspective

Abstract

This paper presents an experiment carried out during Career Guidance activities in a 9th grade co-ed class of teenagers at the Federal University of Pernambuco Experimental School (*Colégio de Aplicação*). The topic “Drugs during the teens” is approached from the perspective of students’ total development and the humanizing formation process in the school, which emphasizes the value of the person and the relationships established in reference social groups. It relates the formative goals of Career Guidance to the underlying proposals and objectives of the National Policy Against Drugs with a focus on guidelines for

* Pedagoga do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). *E-mail:* marciamrtb@hotmail.com.

prevention. The six weekly group dynamic activities were more than a discussion on drug types and their effects. They prioritized the development of competencies and values which fostered in adolescents an awareness of risk factors and how to protect themselves in term of drug use. The experience led to a deeper understanding of the theme, appreciation of family guidance, questioning of information transmitted via the media, dialogue in the classroom, establishment of new relations and autonomy in terms of the theme of drug use.

Keywords: humanizing formation, drug prevention, adolescence.

Introdução

O compromisso do educador com uma escola que pensa a formação humana possibilita criar ações que viabilizem o desenvolvimento integral do aluno em suas diferentes dimensões, relacional, corpórea, psíquica, emocional e espiritual, tornando tais ações um grande desafio no sentido de colaborar, de modo efetivo, para as necessidades apresentadas pelo educando no cotidiano das relações estabelecidas, nos diversos espaços em que circula. Nessa perspectiva, a ação pedagógica do educador precisa contribuir para o desenvolvimento da competência e da liberdade para refletir, questionar e propor mudanças para os entraves que a temática “Drogas na Adolescência” promove, podendo interferir na realidade individual e social vivida, bem como no ambiente no qual está inserido o jovem. A proposta de discutir o uso indevido de drogas nessa fase teve a intenção de construir espaços que dessem subsídios para que cada educando pudesse perceber a responsabilidade perante a tarefa de gerir sua existência com sabedoria.

À medida que a escola se reestrutura para atender essa demanda, favorece o processo formativo para o desenvolvimento dos diferentes aspectos do conviver, promovendo, dessa forma, o crescimento mútuo a partir da forma como se relaciona e valoriza a razão pela qual se vive, conferindo desse modo sentido à vida.

De acordo com Quintás (2004, p. 67),

O homem tem consciência de ser individual, distinto dos demais, responsável pelos seus atos. E ao longo dos anos, essa consciência não faz mais do que avivar-se. Todavia, ao mesmo tempo, sabe que não pode viver como pessoas a sós; ele necessita daquilo que o rodeia: [...] Essa dupla condição do ser

humano – estar voltado sobre si mesmo e estar aberto ao que o cerca – não implica uma contradição, mas um contraste.

A possibilidade de encontro com o outro pode desencadear uma união valiosa, pois as pessoas têm o poder de serem responsáveis pelo que fazem e por seu destino, além de assumir responsabilidades que lhe são apresentadas. Nesse sentido, o encontro estabelece exigências concretas para que se estabeleça uma vida criativa, que para Quintás (2004) se traduz em vida eticamente valiosa, visto que o ser humano é criador em diálogo e não sozinho.

No que tange ao enfoque pedagógico da prevenção ao uso indevido de drogas nas escolas, que aqui será exposto, propomos uma linha de valorização do indivíduo, priorizando sua inserção no contexto social e uma concepção educativa de prevenção, centralizada nos aspectos referentes à formação humana. Consideramos, assim, o indivíduo em suas motivações, seu estilo de vida, seus valores, a relação com os colegas e com a vida, sem deixar de abordar os demais aspectos histórico, biológico e social que certamente podem interferir nessa escolha.

Nessa linha de pensamento, Santos (1997, p. 87) afirma que “A prevenção de drogas nas escolas é uma decisão política e conjunta. Prevenir drogas é, antes de mais nada, falar de educação de filhos, de adolescência, de relação social e convivência afetiva”. Dessa forma, é preciso ressaltar que as ações desenvolvidas em Orientação Educacional visam contribuir para formação humana na escola, por meio da criação de espaços pedagógicos que têm o importante papel de iniciar uma discussão sobre a prevenção do uso indevido de drogas.

Encontros de Orientação Educacional: relato de experiência

Em sala de aula, procuramos abordar o tema uso de drogas na adolescência de modo dinâmico, visando aprofundar a discussão. As atividades foram realizadas em 6 encontros que ocorreram uma vez por semana, com duração de 50 minutos, descritos a seguir.

1. No primeiro encontro, foi pedido que os estudantes ilustrassem o que faz parte do imaginário do grupo no que se refere às drogas. Em seguida,

foram apresentados os desenhos que eram comentados por eles. Nessa discussão, foi abordada a visão sobre drogas, o que se sabia sobre o tema, com quem já haviam conversado e se eles achavam necessário discutir sobre drogas naquele grupo. Ainda nesse encontro foi entregue aos estudantes um questionário contendo 9 questões referentes ao tema que serviu para compreender um pouco mais sobre como o grupo pensava, assim como contribuiu para o planejamento dos encontros subsequentes.

2. No segundo encontro, foi proposta uma dinâmica em que foram desenhados 4 círculos no chão, cada um deles continha um nome diferente: (CONCORDO, DISCORDO, CONCORDO PARCIALMENTE, DISCORDO PARCIALMENTE). A cada situação apresentada, que tinha relação com o cotidiano dos jovens, os estudantes precisavam se posicionar ocupando o círculo que apresentava sua opinião. Após a dinâmica, foi realizado um debate sobre as diversas escolhas realizadas no cotidiano e suas consequências. A abordagem proposta visava discutir as questões inerentes à fase da adolescência que se refere à busca do autoconhecimento, da autoafirmação, da autoestima, aos conflitos com a figura de autoridade, à dificuldade de enfrentar problemas e responsabilidades.

3. No terceiro encontro, a turma foi dividida em grupos e cada um deles recebeu uma história, sem o final, abordando situação que poderia desencadear conflitos para os jovens. Cada grupo precisaria entrar em acordo sobre a finalização, além de justificar seu posicionamento. Esse foi um momento em que os estudantes trouxeram à tona questões relevantes referentes a sentimentos, frustrações, ansiedade, efeitos orgânicos e enfrentamento de situações do cotidiano, assim como promoveu discussões sobre os fatores considerados mobilizadores de crises individuais, bem como de crises na relação com os diferentes grupos.

4. No quarto encontro, a turma foi dividida em subgrupos e cada um deles recebeu alguns nomes de drogas. Eles foram orientados a discutir o que sabiam sobre elas, podendo ter tido acesso à informação pelas mídias, por pesquisas, pelo que já haviam trabalhado na escola, por terem discutido com familiares ou amigos. Além disso, o grupo precisaria indicar para cada uma das drogas a classificação adequada que se baseia nas ações aparentes sobre o sistema nervoso central, de acordo com as modificações observáveis na atividade mental ou no comportamento da pessoa que utiliza a substância. No segundo momento, os grupos socializaram as discussões e apresentaram

a classificação realizada. Esse momento foi enriquecedor, pois cada grupo apresentou um conhecimento significativo sobre as drogas no que se refere a sua utilização em distintas sociedades e os diferentes significados atribuídos ao uso, assim como fatores sociais que mobilizam o consumo, além de alguns efeitos orgânicos.

5. No quinto encontro, foram analisadas as classificações dadas pela turma às drogas indicadas e, à medida que íamos percebendo que algumas delas não estavam adequadas, discutimos o significado das classificações e fizemos as alterações necessárias. Nesse momento, debatemos a definição de drogas, que segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento (NICASTRI, 2012). Além disso, tratamos dos efeitos benéficos produzidos pelas substâncias no tratamento de doenças, assim como daquelas que provocam malefícios, refletindo que elas tanto podem funcionar como medicamento em determinadas situações quanto como tóxico em outras. Também foi abordado o VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (2010), que aponta questões críticas em relação ao uso indevido de drogas em âmbito nacional. Tendo como base esse documento, foram feitos alguns destaques com a turma a respeito do uso dessas substâncias na capital do Recife. Foram observadas diferenças por gênero, ou seja, entre os meninos, maior uso de drogas ilícitas, enquanto com as meninas o maior consumo de medicamentos sem prescrição. Além disso, outra constatação interessante foi a redução de consumo de inalantes, ansiolíticos e anfetamínicos por parte dos jovens, no que se refere ao levantamento de 2004 em relação ao levantamento de 2010; entretanto, nesse período, houve aumento de consumo de cocaína. Concluímos esse encontro com a discussão acerca do impacto negativo que as drogas lícitas provocam nos jovens, a influência de consumo pela mídia e as facilidades na aquisição desses produtos pelos próprios adolescentes, o que por lei é proibido.

6. No nosso sexto encontro, contamos com a presença de um psicólogo que trabalha no Instituto de Assistência Social e Cidadania (IASC), que é uma autarquia vinculada à Secretaria de Assistência Social, criada para concretizar a política de assistência social no Recife, tendo

como ações a prestação de serviços direcionados ao resgate de direitos da população em condições de exclusão e vulnerabilidade social. Por trabalhar com adolescentes que já tiveram experiência com uso de drogas e encontram-se nas casas de acolhida, esse profissional pode trazer para a sala de aula um pouco dessa realidade.

Nessa conversa, foram abordadas algumas questões já trabalhadas em outros encontros, tais como a crise da adolescência e o reconhecimento pelos pares. Também foi discutido sobre a ação das drogas no sistema nervoso central, a qual causa alteração na nossa percepção a respeito do prazer, gerando dependência física e/ou psíquica, criando, dessa maneira, a necessidade de uso cada vez mais contínuo, bem como provocando um esvaziamento da vontade de realizar atividades que antes traziam satisfação. Além disso, foi ressaltada a importância de se evitar o consumo, pois cada organismo tem uma forma particular de absorver essas substâncias. Todas essas questões foram ilustradas com experiências vividas pelo psicólogo em seu trabalho no IASC. E para finalizar a dinâmica dos encontros, houve a discussão sobre a Política Nacional sobre Drogas, que propõe a descriminalização do consumo, reconhecendo a necessidade de tratamento para o usuário.

Aspectos abordados nos encontros de Orientação Educacional

Adolescência: transformações, crises...

Durante os encontros com os adolescentes, foi preciso considerar alguns aspectos da dinâmica psicossocial na adolescência, particularmente os que apontam para a experiência de configuração da identidade, entre eles os seguintes

(1) A influência da temporalização, ou seja, em que medida o passado e presente podem interferir nos projetos futuros de vida, visto que em alguns momentos, nesse período do desenvolvimento evolutivo, existe a disposição do adolescente em querer permanecer sendo reconhecido como criança, assumindo posturas infantilizadas, ou mesmo forçando um reconhecimento por parte dos outros como um adulto em potencial.

(2) A busca do adolescente pela autocerzeza, e consequente desenvolvimento de autoconfiança em relação à consolidação dos projetos futuros, engloba a assimilação do passado e do futuro na tentativa do amadurecimento que possibilita sua autonomia. Nessa direção, o adolescente almeja a independência e, portanto, a conquista da liberdade e da individualidade, sendo necessário o autoexame de suas escolhas, assim como das consequências que elas podem promover, visto que a busca pela liberdade acarreta proporcionais obrigações. Em outra direção, o adolescente pode, ao se deparar com o desafio da busca pela liberdade, sentir-se inseguro em assumir novas responsabilidades.

Em relação aos tópicos (1) e (2) apresentados acima, é preciso destacar que a temporalização e a autocerzeza, quando bem assimiladas, contribuem para uma saudável experimentação de papéis pelos adolescentes antes do momento de escolha da ocupação do seu lugar na sociedade. Entretanto, quando isso não ocorre de forma adequada: o adolescente tende a apresentar uma percepção confusa de si mesmo, limitando as possibilidades de experimentação, fixando-se em determinados papéis ou mesmo contribuindo para a criação de uma identidade negativa. A busca nas drogas de refúgio para esse impasse pode se dar na tentativa de sentir-se encorajado a criar uma imagem de si que nem sempre corresponde ao que de fato é.

(3) Outro fator importante nesse processo de formação da identidade na adolescência é a escolha profissional, pois o sentimento de falta de preparo para o trabalho pode colaborar para a paralisia no sentido operacional, e é nesse momento que alguns adolescentes procuram nas drogas apoio para minimizar os conflitos oriundos de qual ocupação buscar seguir, de sua falta de qualificação e experiência para ocupar determinadas vagas no mercado, bem como de não ser aceito no mercado, provocando uma dependência financeira em relação à família.

(4) Por fim, destacamos, como aspecto significativo na adolescência, o fortalecimento da confiança na sua identificação sexual, considerando que, na tentativa de (re)definir o significado dos papéis sexuais, o jovem pode apresentar um conflito em sua identidade sexual, provocando com isso insegurança que poderá colaborar para uma iniciação prematura da intimidade física, ou mesmo para o impedimento do contato sexual. Esse

conflito pode ser temporário e trazer desequilíbrio em relação ao sentido de confiança nos papéis de gênero assumidos, ou seja, na masculinidade ou feminilidade. Nessa procura por respostas, em razão da insegurança em relação a si próprio, o jovem pode buscar na droga coragem para conseguir afirmar suas escolhas perante o grupo social.

É preciso ressaltar que a passagem pela crise da adolescência é complexa, podendo ser vivida e percebida de maneira muito particular por cada jovem. Ela possibilita a exploração dos vários aspectos do eu, coopera, desse modo, para o crescimento pessoal e conseqüentemente para um sólido sentimento de identidade. As confusões apresentadas nos conflitos nucleares dessa fase da vida parecem contribuir para a procura de alívio para esse momento nas drogas, o que ocorre justamente por ser uma fase de busca de autoafirmação e formação da identidade, dando-se na medida em que o jovem não apresenta um sentimento de segurança nos seus objetivos pessoais e a consciência das responsabilidades a serem assumidas com a aproximação de uma vida adulta.

Afirmamos, assim, que a adolescência é uma etapa de importantes escolhas, entre elas a ocupação de papéis sociais, a escolha profissional e a identificação sexual e de gênero, de modo que tais preferências venham a interferir, certamente, na ocupação de seu papel na sociedade, possibilitando com isso o desenvolvimento de competências, como a liderança; para tanto se faz necessário destacar a influência das redes sociais nesse processo.

Redes sociais: família e amigos

As redes sociais se constituem no grupo de pessoas que interagem com o adolescente, de maneira regular, estabelecendo entre eles um conjunto de relações significativas que contribuem para o seu autorreconhecimento. A relação estabelecida pelo adolescente com os diferentes grupos com os quais mantém contato influencia na maneira como ele se percebe, “como estrutura sua identidade e como desenvolve seus hábitos de autocuidado, projetos de vida e perspectivas” (BORGES et al., 2012, p. 141).

Nesse contexto, Borges et al.(2012) destacam a importância das redes sociais para a compreensão “dos processos de integração psicossociais, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento da identidade e da consolidação

dos potenciais de mudança”, pois a partir de um olhar mais abrangente é possível reconhecer o jovem como “um indivíduo que se constrói e se reconstrói na própria rede social, da qual o educador, a escola, os colegas, a família e a comunidade fazem parte” (p. 142).

É no período da adolescência que o agir, fundamentado em valores, transmitidos pela família, tende a passar por uma reelaboração decorrente da necessidade que os jovens sentem de posicionar-se de maneira mais autônoma no que se refere à tomada de decisões. Esse posicionamento se justifica pelo reconhecimento da necessidade de tornar-se independente, assumindo valores próprios, numa perspectiva de autonomia em relação aos pais. A necessidade de separação simbólica possibilita pensar diferente da família, ter sua própria visão de mundo, considerando outras opções para o futuro que visam à construção de novas posições, projetos e desejos. Nesse momento, a família também precisa rever e negociar limites e papéis sociais, priorizando a criação de ambientes de diálogos e relações afetivas, evitando que se estabeleçam regras rígidas ou permissivas ao extremo.

Para Freitas (2002, p. 19),

[...] a dificuldade de os pais estarem presentes ao lado dos filhos – para que possam orientá-los, funcionarem como exemplos de identificação positiva e dar-lhes limites claros, sem, no entanto, serem rígidos – pode provocar um afastamento e a conseqüente perda de controle dos filhos. [...] Muitas vezes são escolhidas como modelo ideais de identificação pessoas totalmente aéticas.

Isso demonstra que pais e adolescentes são passíveis de sentir dificuldade de viver essa fase, pois algumas mudanças apresentadas pelos filhos causam-lhes angústia em razão da grande dificuldade de lidar com a possibilidade de desligamento dessa dependência, característica da relação entre pais e filhos; por outro lado, os filhos podem mostrar-se onipotentes ou extremamente frágeis, utilizando esses mecanismos de defesa como forma de minimizar o sofrimento pela saída do mundo infantil para acessar o mundo do adulto.

Nesse caso, pode-se instaurar no adolescente um conflito de autoridade que para ser superado necessitará que ele utilize a capacidade de discernir

entre os seus próprios valores e os valores dos outros, construindo a partir desse encontro aquilo que lhe seja particular. Todavia quando esse espaço de decisão não é dado ao adolescente, ou mesmo quando não consegue lidar com limites, ele pode buscar contrariar a autoridade estabelecida utilizando a droga como uma possibilidade para romper com esses entraves.

Nessa linha de pensamento, Freitas (2002, p. 42) afirma que

A utilização da droga, seja de que espécie for, é sempre um sintoma que denuncia um grave comprometimento com a possibilidade de se lidar com a frustração. O acúmulo de frustrações, as quais desde a tenra infância atormentam uma pessoa, a leva a uma total intolerância com o seu viver, com o seu dia a dia.

Sendo assim, o não se torna imprescindível para a estruturação do desejo do ser humano, visto que as regras são essenciais para regular, no grupo social, a convivência humana. Desse modo, é possível fundar uma relação em que o sujeito seja respeitado nos seus desejos, além de poder respeitar os desejos do outro. Pois, para viver com os outros, alguns limites precisarão ser estabelecidos, e nesse contexto muitas satisfações serão adiadas, portanto o princípio da realidade se consolida, enquanto o princípio do prazer ficará relegado ao segundo plano.

Nessa fase, há uma mudança de significado na relação estabelecida entre o adolescente e o grupo de amigos. A dependência afetiva e social da família vai tornando-se cada vez menor; por outro lado, a postura independente, a procura por lazer sem os familiares, o maior tempo de contato com seus pares em atividades escolares e culturais se intensificam. Esses vínculos se dão por identificação por critérios e valores que nem sempre têm proximidade com o que é postulado pela família.

Segundo Oliveira (2012, p. 42),

A importância dos pares se traduz no sentimento de lealdade ao grupo, na intimidade entre seus membros, no compartilhamento de segredos, na adesão de cada um à imagem visual do grupo e na forma de expressar comportamentos grupais como rebeldia, transgressão, uso de drogas etc. Esse comportamento é assumido pelo adolescente no contexto coletivo, em

nome da unidade do grupo, ainda que não seja a orientação individual que ele possui.

Quando a rede social na qual o adolescente está inserido estimula a predominância de hábitos não saudáveis, geralmente esses grupos costumam associar os ambientes de lazer ao uso indevido de drogas lícitas e ilícitas, podendo até acarretar no envolvimento com o tráfico de drogas. Entretanto, quando o adolescente se envolve com o uso de drogas, porém sua rede social não compartilha desse uso, torna-se mais fácil de encontrar meios de protegê-lo atuando como agente de ajuda. No entanto, quando esse uso se dá por longo prazo pelo adolescente, pode haver o afastamento afetivo por parte de seu grupo, o que repercute em espaços cada vez mais reduzidos para relacionamentos em contextos sem a presença de drogas.

A curiosidade em relação ao uso de drogas em alguns casos leva o adolescente a ter contato para conhecê-la e sentir o seu efeito, entretanto isso não quer dizer que ele se tornará um usuário. Os riscos maiores dependem da própria droga, das peculiaridades de cada pessoa e da conjuntura em que ela está sendo consumida.

Entretanto, essas escolhas não são definitivas: os adolescentes podem optar por migrar de um grupo para outro quando os vínculos afetivos e sexuais não satisfazem suas expectativas. Eles podem migrar de grupos homogêneos para heterogêneos em relação ao gênero, que possibilitam novos papéis sociais em suas futuras relações. Com esse quadro, é possível perceber o prolongamento da adolescência pela necessidade de realização de conquistas referentes a projeto de vida, escolhas amorosas e autonomia financeira.

A passagem por essa fase se dá de diferentes maneiras por cada pessoa. É possível que se vivam diferentes sensações, tais como a tristeza, a falta de interesse pelo mundo externo, a capacidade de amar e de lidar com aspectos práticos da vida. Esses aspectos não podem ser vistos como patologia, e é preciso dar tempo ao adolescente para que consiga passar por esse período de perdas, de modo a criar novos vínculos com o grupo familiar e social.

Drogas e contexto social: ampliando a discussão

É sabido que o uso de drogas sempre esteve arraigado na conjuntura cultural e histórica dos povos. Essa liberação por parte das diversas sociedades ocorre na medida em que os grupos avançam nas descobertas de utilização desses produtos, ampliando as possibilidades de discussão do que venha a ser adequado ou inadequado em relação ao seu uso.

A contextualização da sociedade à qual pertencemos, distinguindo suas características, faz-se necessária para entender os entraves que ocorrem nas relações estabelecidas. Com esse olhar atento para a complexidade social, é possível tentar entender esses espaços de vivência em que prevalecem os mais diversos males sociais. Com esse panorama, busca-se então estimular a compreensão crítica e histórica dessa sociedade, possibilitando a abertura de espaços para reflexão sobre a percepção em relação ao uso indevido de drogas, assim como sobre a influência manipuladora de determinadas concepções capitalistas.

O que se constata com esse quadro é a influência da mídia favorecendo comportamentos de risco, pois a publicidade das drogas lícitas associa o consumo do álcool à aventura, sucesso, alegria, aceitação social, entre tantas outras possibilidades ilusórias criadas por esses profissionais. Sendo assim, o lazer atrelado ao uso de drogas é cada vez mais comum entre jovens.

Considera-se essencial o estímulo à veiculação em todos os meios de comunicação de propagandas educativas que estimulem o não uso de drogas, como uma forma de contribuir para a formação do cidadão consciente e como informação de que as propagandas apresentadas na mídia tem contribuído de modo negativo para o estímulo ao uso pela população nas diferentes faixas etárias.

Em razão da complexidade desse tema, sua abordagem precisa se dar de maneira não conservadora, ou seja, focando apenas a reprodução do discurso dos perigos decorrentes do uso para a saúde: que ela mata e não é boa, pois os usuários têm buscado consumi-la exatamente pelo bem-estar, mesmo que temporário, produzido por essas substâncias. Muitas vezes um grande vilão que são as drogas lícitas (álcool e tabaco) está sendo amplamente estimulado com comerciais muitos bem produzidos, com

pessoas de credibilidade pública, como os artistas, e isso nem chega a ser alvo de debate na sociedade de modo geral; entretanto, nas salas de aula isso não pode ser desconsiderado. Os adolescentes têm toda a condição de estabelecer um debate crítico a respeito da legalidade desses produtos, a quem isso favorece e quem de fato é prejudicado.

Neste sentido, Romera (2009, p. 16) considera que

Trazer para o âmbito das discussões do lazer a temática do uso de drogas tem a pretensão de provocar novas e necessárias discussões envolvendo os atores e cenários que compõem os fenômenos aqui analisados, sem preconceitos ou moralismos, mas com a responsabilidade que a questão exige.

Na perspectiva de Amato (2010), Sanchez et al. (2004 apud CARLINI 2010, p. 13):

Os estudos epidemiológicos também buscam levantar fatores de risco e proteção, os quais são assim denominados por envolverem características biológicas, psicológicas ou sociais, mais (risco) ou menos (proteção) associadas ao uso indevido de substâncias. Alguns dos fatores psicossociais mais estudados são relacionados ao ambiente familiar, autoestima, religiosidade, percepção de risco, facilidade de acesso e informação sobre drogas, perspectiva de futuro, entre inúmeros outros.

Ter uma visão ampla dos fatores que podem aumentar ou diminuir a possibilidade de o adolescente assumir comportamento de riscos contribui efetivamente para pensar diferentes estratégias não para evitar o consumo de drogas, mas para conscientizar o jovem das consequências que suas escolhas podem acarretar. Os fatores de risco e de proteção obedecem a uma lógica muito individual que podem trazer consequências diversas para o adolescente. O que pode ser fator de risco para uma pessoa pode representar proteção para outra.

De acordo com Política Nacional sobre Drogas (2005), para que a sociedade possa ser protegida das drogas, é necessária a conscientização da população dos prejuízos acarretados pelo uso dessas substâncias. Nessa perspectiva, é preciso a geração de políticas nas áreas de educação, assistência

social, saúde e segurança pública visando à redução da demanda, oferta e danos com ações de prevenção, tratamento, recuperação e reinserção social, bem como informar a população sobre crimes, delitos e infrações relacionadas à comercialização das drogas lícitas e ilícitas e estabelecer controle social no que se refere à propaganda, comercialização e acessibilidade.

De acordo com Santos (1997), a redução do consumo de drogas ocorrerá quando se instituir o progresso da humanidade em três aspectos: no político-social, no que diz respeito à contribuição de modo mais efetivo das políticas públicas em prol da melhoria da qualidade de vida das pessoas, no educacional, a partir de um repensar das concepções pedagógicas que favoreçam a formação em detrimento da informação, e no espiritual, que possa estimular o desenvolvimento da consciência ética, visando à reflexão que favoreça o esclarecimento da finalidade da vida e consequentemente a evolução espiritual.

O olhar cauteloso a respeito das inter-relações dos diferentes contextos é de vital importância, para tanto o desenvolvimento do trabalho de prevenção ao uso de drogas necessita englobar não apenas o espaço escolar, mas também outros espaços e instituições que possam vir a cooperar para a aquisição do conhecimento, além do que é imprescindível que ele ocorra de maneira sistemática. Nesse ponto de vista, a ação preventiva precisa ser contundente sobre as drogas tanto lícitas quanto ilícitas que causam danos à população.

Sob a óptica de Borges et al. (2012, p. 142),

A visão sistêmica da adolescência e a problemática da droga lançam aos educadores desafios: compreender o adolescente e os grupos aos quais ele pertence (escola, família, comunidade, amigos) com um olhar relacional e agir por meio de intervenção contextualizada à realidade do adolescente e de suas relações.

Pensar de maneira sistêmica para o educador significa reconhecer que o problema relacionado ao uso indevido das drogas precisa ser encarado levando em consideração suas diferentes dimensões, assim como as diversas combinações que elas podem assumir, determinando certamente cada

situação; dessa forma, é preciso compreender o processo das relações das pessoas com seus respectivos problemas.

Nesse sentido, cabe à escola, especificamente ao professor, ficar atenta a todas essas questões, que envolvem desde o conhecimento teórico das fases e respectivas características pelas quais passa o educando, buscando reconhecer a influência exercida na vida dos adolescentes pelos integrantes da rede social, identificando fatores de riscos e proteção potenciais nessa relação, assim como abrindo espaço para discutir os fatores sociais que podem interferir nesse processo de uso indevido de drogas.

Considerações finais

Este trabalho foi desenvolvido por ser a escola um espaço de socialização dos conhecimentos historicamente constituídos pela humanidade, consciente de sua função que é pensar e implantar ações preventivas em conformidade aos desafios contemporâneos, fazendo necessário pensar e garantir momentos de discussão sobre temáticas problematizadoras que despertem o interesse dos adolescentes, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma sociedade que promova ações fundamentadas em equidade e inclusão social.

É notório o papel essencial que a escola tem procurado assumir no sentido de contribuir para evitar que o adolescente ingresse nesse caminho. Para tanto, faz-se necessário problematizar a construção do conhecimento no âmbito escolar, de modo a projetar um olhar abrangente e consistente da temática, tendo como ponto de partida os conhecimentos e experiências do educando, assim como os conhecimentos científicos e práticas preventivas. Assim sendo, o trabalho pedagógico preventivo, que integra informações adquiridas pelos alunos de modo que possa confrontá-las com o saber sistematizado, visa a promover, dessa forma, maior reflexão, investigação, diálogo, questionamento e crítica sobre as questões que envolvem as drogas, estimulando os adolescentes a discutir todos os aspectos envolvidos nessa problemática.

Dessa forma, as informações com as quais as pessoas têm contato podem transformar-se em conhecimento, revertendo-se em experiências e

consequentemente em consciência crítica. Quando a escola se propõe a esse tipo de trabalho, de fato está contribuindo para que as informações e as tecnologias possam ser usadas em prol da qualidade de vida dos estudantes. Nesse sentido, o processo de reflexão precisa ser estimulado por meio de uma prática dialógica, possibilitando diferentes leituras de mundo de modo a garantir o embasamento de um novo alicerce social.

Com este estudo, foi possível perceber que essa comunidade escolar tem buscado conhecer a temática de maneira recorrente a partir da orientação familiar, bem como por meio de pesquisas na internet ou outros meios de comunicação, o que repercutiu num diálogo em sala de aula com apropriação significativa do tema.

A questão que esteve na pauta das discussões foi a responsabilidade perante sua vida, propondo a reflexão sobre os efeitos do uso indevido das drogas na vida dos adolescentes a partir de uma linguagem muito mais próxima deles. Para tanto, o trabalho foi desenvolvido numa abordagem de educação preventiva, considerando a questão do consumo alicerçada pelo contexto humano e social. Nesse sentido, foram questionadas as responsabilidades individuais, a partir de uma reflexão crítica sobre seus desejos, angústias, frustrações, receios, conflitos e consequentemente escolhas.

A escolha desse referencial, enquanto proposta de educação transformadora, possibilita entrever a construção de novas relações de autonomia com o conhecimento no que se refere ao uso indevido das drogas, sendo assim o levantamento dessas discussões certamente colabora para que os estudantes possam se posicionar em relação às suas escolhas, propiciando, assim, a formação para a cidadania.

Referências

BRASIL. *Política Nacional sobre Drogas*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2005.

BORGES, J. S.; SUDBRACK, M. de F. O.; ALMEIDA, M. M. Situações de risco e situações de proteção nas redes sociais de adolescentes. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Curso de prevenção do uso de*

drogas para educadores de escolas públicas. 5. ed. atual. Brasília: Ministério da Justiça; Ministério da Educação, 2012. p. 141-151.

CARLINI, E. A. et al. *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010*. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas; UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo; Brasília: SENAD – Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2010. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Publicacoes/328890.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2013.

FREITAS, L. A. P. de. *Adolescência, família e drogas: a função paterna e a questão dos limites*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2002.

LÓPEZ QUINTÁS, A. *Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores*. Tradução de José Afonso Beraldin da Silva. São Paulo: Paulinas, 2004.

NICASTRI, S. Drogas: classificação e efeitos nos organismos. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. 5. ed. atual. Brasília: Ministério da Justiça; Ministério da Educação, 2012. p. 88-100.

OLIVEIRA, M. C. S. L. O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade. In: BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas*. 5. ed. atual. Brasília: Ministério da Justiça; Ministério da Educação, 2012. p. 37-44.

ROMERA, L. Drogas e mídia: influências no lazer da juventude. *Licere*, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N03_ar4.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2013.

ROVERE, M. H. M. *Escola de Valor: significando a vida e a arte de educar*. São Paulo: Ed. Paulus, 2009.

SANTOS, R. M. S. *Prevenção de droga na escola: uma abordagem psicodramática*. São Paulo: Ed. Papyrus, 1997.

.....

Recebido em: 30 ago. 2013

Aceito em: 30 set. 2013